

*Fama Fraternitatis*

*A primeira edição impressa localizável de Fama Fraternitatis data de 1614. Entretanto, há alguma evidência de que ele tenha circulado em forma manuscrita antes daquela época. O manifesto foi publicado pela primeira vez em alemão, e então em 1615 em latim. O Fama Fraternitatis é visto como um documento chave do movimento Rosa-Cruz. A tradução para o inglês foi tomada da edição de A. E. Waite e é creditada a Thomas Vaughan (Eugenius Philalethes). As notas de rodapé foram escritas por Andre Rotkiewicz, as traduções do latim foram efetuadas por Carl Williams e a tradução para o português foi executada por Arnaldo T. Santos (Todos os Direitos Reservados).*

**FAMA FRATERNITATIS****ou****A Descoberta da Fraternidade da mais Louvável  
Ordem da Rosa-Cruz**

Considerando que o único sábio e misericordioso Deus nestes dias derramou tão profusamente Sua misericórdia e Sua bondade para a humanidade, por meio do que verdadeiramente atingimos mais e mais o conhecimento perfeito de seu Filho Jesus Cristo e da Natureza, de forma a podermos com justiça nos vangloriar desta época venturosa na qual não somente a nós nos foi revelada a metade do mundo que era até agora desconhecida e ocultada, mas Ele também tornou manifestadas para nós muitas maravilhosas obras e criaturas da Natureza nunca até aqui vistas e, além disso, elevou os homens, imbuídos de grande sabedoria, os quais poderiam parcialmente renovar e converter todas as artes à perfeição (nesta nossa maculada e imperfeita época), de forma que o homem finalmente pudesse por meio disto compreender sua própria nobreza e valor, e compreender por que é chamado *Microcosmus* e até onde seu conhecimento da Natureza se entende.

Entretanto com isto o mundo incivilizado ficará apenas pouco satisfeito, mas certamente disto sorrirá e escarnecerá; e também o orgulho e a cupidez dos eruditos é tão grande que não permitirá que eles concordem entre si; mas se estivessem unidos, poderiam, a partir de todas aquelas coisas que nesta nossa época Deus de fato tão profusamente nos concedeu, coligir o *Librum Naturae*, ou o Método Perfeito de todas as Artes. Mas tão grande é a sua oposição, que eles ainda mantêm, e são avessos a deixar, a antiga conduta, valorizando Porfírio, Aristóteles e Galeno, sim, e aquilo que tem mera aparência de erudição, mais do que a clara e manifesta Luz e Verdade. Esses, que se agora estivessem vivendo, com muita alegria deixariam suas doutrinas errôneas; mas eis aqui demasiada fraqueza para tão grande trabalho. E apesar de na Teologia, na Ciência e na Matemática a verdade ela mesma de fato se contraponha, o velho Inimigo, entretanto, por meio de sua sutileza e habilidade de fato se revela obstruindo todo bom propósito através de seus instrumentos e de pessoas contenciosas e inconstantes.

Com tal intenção de uma reforma geral, o muitíssimo piedoso e grandemente iluminado Pai, nosso Irmão, C.R.C., alemão, chefe e originador de nossa Fraternidade, trabalhou muito e por longo tempo, e quem, em razão de sua pobreza (embora descendendo de pais nobres), no quinto ano de idade fora colocado em um convento onde aprendeu indiferentemente as línguas grega

e latina, e (em função de seu mais intenso desejo e solicitação), estando ainda em seus anos de crescimento, associou-se a certo Irmão P.A.L. que havia decidido ir para a Terra Santa. Embora este Irmão tenha morrido em Chipre e nunca tenha chegado a Jerusalém, nosso Irmão C.R.C., no entanto, não retornou, mas pôs-se a bordo e foi para Damasco, tendo em mente ir daquele lugar para Jerusalém. Mas em razão da debilidade de seu corpo, ainda lá permaneceu, e por sua habilidade na ciência conquistou muitos favores dos turcos, e nesse ínterim tornou-se familiarizado acerca dos Homens Sábios de Damcar na Arábia, e contemplou quais grandes maravilhas eles forjavam e como a Natureza se lhes revelava.

Com isto ficou aquele elevado e nobre espírito do Irmão C.R.C. tão agitado que agora Jerusalém não estava tanto em sua mente quanto Damasco. Ele também não podia mais refrear seus desejos e fez um acordo com os árabes para que o levassem para Damcar por determinada quantia em dinheiro.

Quando foi para lá, tinha apenas dezesseis anos de idade, sendo contudo de forte constituição alemã. Lá, os Homens Sábios o receberam não como um estranho (conforme ele mesmo testemunhou), mas como alguém que há muito esperavam. Eles o chamaram pelo seu nome e lhe mostraram outros segredos a partir de seu claustro, acerca dos quais ele poderia apenas muitíssimo imaginar.

Lá aprendeu melhor a língua árabe, de forma que no ano seguinte traduziu o *Livro M* para bom latim, que posteriormente trouxe consigo. Este foi o lugar onde ele de fato aprendeu sua Ciência e sua Matemática, a respeito do que o mundo teria muita razão para se regozijar, se houvesse mais amor e menos inveja.

Depois de três anos retornou novamente com pleno consentimento e embarcou em direção ao *Sinus Arabicus* para o Egito, onde não permaneceu por muito tempo, mas lá apenas observou melhor as plantas e as criaturas. Navegou por todo o Mar Mediterrâneo para chegar a Fez, para onde os árabes o haviam direcionado.

E é uma grande vergonha para nós que homens sábios, tão distantes uns dos outros, não apenas fossem de uma mesma opinião, odiando todos os escritos contenciosos, mas também estivessem tão dispostos e prontos, sob o selo do sigilo, para conceder seus segredos a outras pessoas. Todos os anos os árabes e os africanos de fato enviam emissários uns aos outros, questionando-se uns aos outros acerca de suas artes, se felizmente descobriam algumas coisas melhores, ou se a experiência enfraquecera seus entendimentos. Anualmente algo vinha à luz, por meio do que a Matemática, a Ciência e a Magia (nas quais aqueles de Fez são muitíssimo habilidosos) eram aperfeiçoadas. Não haveria atualmente nenhuma necessidade de homens eruditos na Alemanha, Magos, Cabalistas, Homens de Ciência e Filósofos, se apenas houvesse mais amor e bondade entre eles, ou se a maior parte deles não mantivesse seus segredos próximos somente a si mesmos.

Em Fez, ele de fato tornou-se familiarizado com aqueles que são comumente chamados de habitantes Elementares, que a ele revelaram muitos de seus segredos, como da mesma forma nós alemães poderíamos reunir muitas coisas, se houvesse unidade semelhante e um desejo entre nós de buscar pelos segredos.

Acerca desses de Fez, ele de fato freqüentemente confessou que sua Magia não era totalmente pura, e também que sua Cabala estava corrompida com sua Religião; mas não obstante, ele soube como fazer bom uso das mesmas, e encontrou ainda melhores bases da fé que possuía, totalmente em conformidade com a harmonia do mundo todo e inspirada maravilhosamente com todas as épocas. Daí se originou aquela Concórdia razoável de que em todas as diversas sementes está contida uma árvore ou uma fruta inteira e boa. Assim da mesma maneira está incluído no pequeno corpo do homem, todo o grande mundo, cuja religião, linha de conduta, saúde, membros, natureza, língua, palavras e obras estão em concordância, em simpatia e em igual harmonia e melodia com Deus, com o Céu e com a Terra; e que aquilo que está em desacordo com eles é erro, falsidade e do demônio, que sozinho é a primeira, a intermediária e a última causa da discórdia, da cegueira e das trevas no mundo. Também, pudesse alguém examinar todas as diversas pessoas na Terra, constataria que aquilo que é bom e correto está sempre em concordância consigo mesmo; mas que todo o resto está maculado com mil conceitos errôneos.

Depois de dois anos o Irmão R.C. partiu da cidade de Fez e navegou com muitas coisas valiosas para a Espanha, esperando bastante, uma vez que ele mesmo havia tão bem e tão proveitosamente despendido seu tempo em sua viagem, que os eruditos da Europa se regozijariam imensamente com ele e começariam a reger e regular todos os seus estudos de acordo com aquelas bases certas e sólidas. Consequentemente, ele conferenciou com os eruditos da Espanha, mostrando-lhes os erros de nossas artes, e como elas poderiam ser corrigidas; e de onde eles poderiam reunir a verdadeira *Inditia* dos tempos que estavam por vir, e em que eles deveriam concordar com aquelas coisas que são passadas; e também como as faltas da Igreja e de toda a *Philosophia Moralis* deveriam ser aperfeiçoadas. Ele lhes mostrou novos cultivos, novos frutos e animais que de fato concordavam com a antiga filosofia, e prescreveu-lhes uma nova Axiomática por meio da qual todas as coisas poderiam ser completamente restauradas. Mas isso foi para eles uma pilhéria; e lhes sendo algo de novo, sentiram que seus importantes nomes seriam depreciados se devessem agora novamente começar a aprender e a reconhecer seus erros de muitos anos, com os quais estavam acostumados, e por meio dos quais haviam se beneficiado o suficiente. Quem tanto ama a inquietação, que seja reformado (disseram eles). A mesma canção foi também a ele entoada por outras Nações, o que o comoveu muitíssimo, porque isso lhe aconteceu contrariamente às suas expectativas, estando então magnanimamente pronto para conceder todas as suas artes e segredos aos eruditos, se eles tivessem apenas se encarregado de escrever a verdadeira e infalível Axiomática a partir de todas as faculdades, ciências e artes, e de toda a Natureza, pois aquilo que ele sabia iria dirigi-los, como um globo ou um círculo, para o único ponto do meio e *centrum*, e (como é usual entre os árabes) deveria somente servir aos sábios e eruditos como uma regra; e que também deveria haver uma sociedade na Europa, a qual deveria ter ouro, prata e pedras preciosas suficientes para outorgá-los aos reis, para seus usos necessários e legais, com os quais a sociedade tanto como os governantes pudessem ser educados para aprender tudo aquilo que Deus permitiu que o homem conhecesse, e por meio disso estarem capacitados em todos os momentos de necessidade a dar seu conselho para aqueles que o buscam, da mesma forma que os Oráculos Pagãos.

Em verdade devemos confessar que o mundo naqueles dias já estava repleto daquelas grandes comoções, trabalhando para delas se livrar, e de fato trazia a público homens dignos, que sofriam, que com todas as forças forçavam o caminho através das trevas e da barbárie, e deixavam a nós, que vínhamos depois, segui-los. Seguramente eles foram a ponta mais elevada

no *Trygono igneo*, cuja chama deveria agora ser mais e mais brilhante, e deverá indubitavelmente oferecer ao mundo a última luz.

Alguém como tal fora Theophrastus, por vocação e chamamento, embora não fosse em absoluto de nossa Fraternidade, contudo, não obstante tivesse diligentemente lido o Livro M, por meio do que sua aguda engenhosidade foi exaltada. Mas este homem foi também obstado em seu curso pela multidão de eruditos e de homens aparentemente sábios, de forma que nunca foi capaz de pacificamente conferir a outros o conhecimento e a compreensão que possuía da natureza. E, portanto, em seus escritos ele mais propriamente zombava dessas pessoas intrometidas, e não lhes mostrava inteiramente o que ele era; e, contudo, não obstante encontrava-se nele bem fundamentada a anteriormente mencionada Harmonia, que sem dúvida ele havia concedido aos eruditos, se não os considerasse dignos de sutil vexação em vez de serem instruídos nas maiores artes e ciências. Ele, desta forma, com uma vida livre e pouco cuidadosa, perdeu seu tempo, e deixou para o mundo os prazeres tolos deste.

Mas para que não nos esqueçamos, nosso dedicado Pai, Irmão C. R., após muitas penosas viagens e após suas infrutíferas verdadeiras instruções, retornou novamente à Alemanha, a qual amava de coração, em função das alterações que deveriam em breve surgir, e de estranhas e perigosas contendas. Lá, embora pudesse ter-se vangloriado de sua arte, mas especialmente da transmutação dos metais, ele, no entanto, de fato estimava mais o Céu e os homens, cidadãos de lá, do que toda a glória vã e a pompa.

Todavia, ele construiu uma adequada e esmerada habitação na qual deu consideração à sua viagem e à sua filosofia, convertendo-as conjuntamente em um verdadeiro memorial. Nesta casa ele despendeu muito tempo na matemática, e fabricou muitos instrumentos de precisão, *ex omnibus hujus artis partibus*, a respeito dos quais pouco restou para nós, conforme daqui por diante você deverá compreender.

Depois de cinco anos, surgiu novamente em sua mente o desejo pela Reforma; e em relação a isto ele duvidou do auxílio e da ajuda de outras pessoas, embora ele mesmo sofresse e estivesse forte e incansável; de qualquer forma encarregou-se, com alguns poucos unidos a ele, de tentar a mesma. Pelo que, para esta finalidade, ele desejou ter vindos de seu primeiro convento (para o qual ele revelava uma grande afeição) três de seus irmãos, o Irmão G.V., o Irmão I.A., e o Irmão I.O., que possuíam algum maior conhecimento das artes do que naquela época muitos outros possuíam. Ele de fato uniu aqueles três a ele, para serem fiéis, diligentes e sigilosos; como também a se comprometerem a cuidadosamente escrever tudo aquilo que ele os ensinasse e os instrísse, para a finalidade de que aqueles que viessem depois, e que através de revelação especial fossem recebidos nessa Fraternidade, não pudessem ser enganados na mínima sílaba e palavra.

Deste modo começou a Fraternidade da Rosa-Cruz — primeiro somente por quatro pessoas, e por elas foram elaboradas a linguagem e a escrita mágica, com um grande dicionário que ainda utilizamos diariamente para a exaltação e glória de Deus, e de fato nisso encontramos grande sabedoria. Eles elaboraram também a primeira parte do Livro M, mas com respeito a isto, esse trabalho foi demasiadamente pesado, e a inexprimível afluência dos doentes os retardou, e também embora seu novo edifício (chamado *Sancti Spiritus*) estivesse agora terminado, decidiram por atrair e receber ainda outros mais em sua Fraternidade. Para esta finalidade, foram

escolhidos o Irmão R.C., filho do irmão de seu falecido pai; o Irmão B., um pintor talentoso; G.G. e P.D., secretário deles, todos alemães, exceto I.A.. Assim ao todo eles eram em número de oito, todos solteiros com votos de virgindade; pelos quais foi coligido um livro ou um volume de tudo aquilo que o homem possa querer, desejar ou ter esperança de alcançar.

Embora de fato agora espontaneamente confessemos que o mundo estará muito aperfeiçoado dentro de cem anos, estamos contudo seguros que nossa Axiomática deverá permanecer imutável até o fim do mundo, e também que o mundo em sua mais elevada e última era não deverá chegar a ver qualquer outra coisa; pois nossa Rota teve seu início naquele dia em que Deus pronunciou o *Fiat*, e deverá se encerrar quando ele pronunciar *Pereat*; embora o relógio de Deus bata todos os minutos, onde o nosso mal bate horas completas. Nós também imperturbavelmente acreditamos que se nossos Irmãos e Pais tivessem vivido nesta nossa atual e clara luz, eles teriam mais severamente lidado com o Papa, com Maomé, com os escribas, artistas e sofistas, e teriam se mostrado mais úteis, não simplesmente com suspiros ou desejando o fim e a consumação deles.

Quando agora esses oito Irmãos haviam disposto e organizado todas as coisas dessa maneira, e como não havia agora necessidade de qualquer grande trabalho, e também como todos estavam suficientemente instruídos e perfeitamente capacitados para discursar acerca da filosofia secreta e manifestada, eles não mais permaneceriam mais tempo juntos, mas, como no início haviam concordado, eles se separariam para ir a diversos países, porque não somente sua Axiomática poderia em segredo ser mais profundamente examinada pelos eruditos, mas porque eles mesmos, se em um país ou outro observassem qualquer coisa ou percebessem algum erro, poderiam informar uns aos outros acerca disso.

Seu acordo foi este:

*Primeiro*, Que nenhum deles deveria professar qualquer outra coisa que não fosse curar os doentes, e isso gratuitamente.

*Segundo*, Nenhum das gerações futuras deveria ser obrigado a usar um determinado tipo de hábito, mas em cada lugar seguir o costume do país.

*Terceiro*, Que todo ano, no dia C., eles deveriam se encontrar na casa do *Sancti Spiritus*, ou comunicar por escrito o motivo de sua ausência.

*Quarto*, Todo Irmão deveria procurar por uma pessoa digna que, após sua morte, pudesse sucedê-lo.

*Quinto*, A palavra R.C. deveria ser seu selo, marca e sinal.

*Sexto*, A Fraternidade deveria permanecer secreta por cem anos.

Esses seis artigos eles se comprometeram entre si a observar; cinco dos Irmãos partiram, sendo que os Irmãos B. e D. permaneceram com o Pai, Irmão R.C., por um ano todo. Quando estes da mesma maneira partiram, então permaneceram com ele seu primo e o Irmão I.O. de forma que ele teve consigo todos os dias de sua vida dois de seus Irmãos. E embora até então a Igreja não estivesse purificada, não obstante sabemos que eles de fato nela pensavam, e sabemos o que

com ardente desejo procuravam. Todos os anos eles se reuniam com alegria e deliberavam acerca daquilo que haviam feito. Teria certamente sido um grande prazer ouvir, verdadeiramente e sem invenções, relatadas e pesquisadas todas as maravilhas que Deus havia derramado aqui e ali através do mundo. Todos devem ter por certo que tais pessoas enviadas e que se reuniam por Deus e pelos Céus, tendo sido escolhidas dentre os homens mais sábios que viveram em muitas épocas, de fato viviam juntos acima de todos os outros na mais elevada unidade, no maior sigilo e com a maior bondade uns em direção aos outros.

De acordo com a maneira mais louvável, eles de fato despenderam suas vidas, mas embora estivessem livres de todas as doenças e da dor, contudo, não obstante, não poderiam viver e passar do tempo designado por Deus. O primeiro desta Fraternidade que morreu, e isso na Inglaterra, foi I.O., conforme o Irmão C. há muito tempo lhe predissera. Ele era grande especialista, e bem versado na Cabala, conforme seu livro chamado H. testemunha. Muito se fala dele na Inglaterra; e principalmente porque ele curou da lepra um jovem Conde de Norfolk. Eles haviam concluído que tanto quanto fosse possível, o lugar de sepultamento deles deveria ser mantido secreto, conforme até hoje não nos é sabido o que aconteceu com alguns deles, no entanto o lugar de cada um foi substituído por um sucessor apto. Mas isto confessaremos publicamente por estas dádivas, para a honra de Deus, que quaisquer que sejam os segredos que tenhamos aprendido a partir do Livro M, embora diante de nossos olhos contemplemos a imagem e o feitio do mundo todo, não nos são entretanto mostrados nossos infortúnios, nem a hora de nossa morte, a qual é somente conhecida pelo próprio Deus, quem por meio disso faria com que nos mantivéssemos em contínua prontidão. Mas há mais acerca disso em nossa Confissão, onde de fato estabelecemos trinta e sete razões pelas quais agora de fato tornamos conhecida nossa Fraternidade e apresentamos tais elevados mistérios espontaneamente, sem coação e recompensa. Também de fato prometemos mais ouro do que ambas as Índias trazem para o Rei da Espanha; pois a Europa está grávida e dará à luz uma criança forte, que deverá ter necessidade de um grande presente do padrinho.

Após a morte de I.O., o Irmão R.C. não descansou, mas tão logo pode, convocou os demais a se reunirem, e então, conforme supomos, foi então sua sepultura construída, embora até agora nós (que éramos os últimos) não saibamos quando nosso dedicado Pai R.C. morreu, e não tivéssemos nada mais a não ser os simples nomes dos fundadores e de todos os seus sucessores até nós. Contudo, surgiu em nossa memória um segredo que, através de palavras obscuras e encobertas, e de conversas, o Irmão A., de cem anos, sucessor de D. (que era da anterior e segunda linha e sucessão, e que havia vivido entre muitos de nós), de fato comunicou a nós da terceira linha e sucessão. Por outro lado, devemos confessar que após a morte do dito A., nenhum de nós tinha de qualquer maneira sabido algo do Irmão C.R. e de seus primeiros irmãos-companheiros além daquilo que existia acerca deles em nossa Biblioteca filosófica, dentro da qual nossa Axiomática era considerada como a principal, Rota Mundi como a mais não original, e Protheus a mais útil. Da mesma maneira, não sabemos com certeza se esses da segunda linha eram da mesma sabedoria que os da primeira, e se foram eles acolhidos em todas as coisas.

Deverá ser declarado daqui em diante para o gentil leitor, não apenas o que ouvimos do sepultamento do Irmão R.C., mas também deverá ser tornado manifesto publicamente pela presciência, tolerância e mandamento de Deus, a quem nós muitíssimo fielmente obedecemos, que se formos atendidos discretamente e de maneira cristã, não nos envergonharemos de mostrar publicamente de maneira impressa nossos nomes e sobrenomes, nossas reuniões, ou qualquer coisa mais que esteja ao nosso alcance que possa se exigida.

Agora, o verdadeiro e fundamental relato do descobrimento do altamente iluminado homem de Deus, *Fra: C.R.C.*, é este: — Após o falecimento de A. na *Gallia Narbonensis*, então sucedeu a ele em seu lugar nosso dedicado Irmão N.N.. Este homem, depois de ter se dirigido a nós para assumir o solene voto de fidelidade e sigilo, nos informou *bona fide* que A. o havia consolado ao dizer-lhe que esta Fraternidade deveria em breve não permanecer tão escondida, mas deveria para toda a nação alemã ser útil, indispensável e digna de louvor, acerca do que ele não estaria de nenhuma maneira envergonhado. No ano seguinte, depois de ter cumprido seus direitos escolares e estando agora disposto a viajar, sendo para este propósito suficientemente provido da bolsa de Fortunatus, pensou (sendo ele um bom arquiteto) em alterar algo de seu edifício e torná-lo mais conveniente. Em tal renovação, ele por acaso viu uma Placa Comemorativa, que era fundida em bronze e continha todos os nomes dos Irmãos, com algumas outras poucas coisas. Esta placa ele iria transferir para outra câmara mais adequada, pois onde e quando o Irmão R.C. morrera, ou em que país fora sepultado, havia sido ocultado por nossos predecessores e era desconhecido para nós. Nessa placa estava preso um grande prego relativamente forte, de forma que quando com força foi arrancado, trouxe consigo uma grande pedra sem importância a partir da fina parede ou do revestimento de uma porta escondida, e assim inesperadamente expôs a porta, pelo que com alegria e ansiosamente de fato pusemos abaixo o resto da parede e limpamos a porta, sobre a qual estava escrito em grandes letras —

Post CXX Annos Patebo,

com o ano do Senhor sob ela. Conseqüentemente, agradecemos a Deus e fizemos uma pausa naquela mesma noite porque primeiramente examinaríamos nossa *Rota* — mas nós nos referimos novamente ao Confessio, pois o que aqui publicamos é feito para ajudar aqueles que são dignos, mas para o indigno, se Deus quiser, isto será de pouca utilidade. Pois conforme nossa porta foi, após tantos anos, maravilhosamente descoberta, também deverá haver um porta aberta para a Europa (quando a parede for removida), que já de fato começa a surgir, e que com grande desejo é esperada por muitos.

Na manhã seguinte, abrimos a porta e apareceu para nossa visão uma câmara de sete lados e cantos, cada lado com cinco pés de largura e com a altura de oito pés [*N.T.: um pé equivale a 30,48 cm.*]. Embora o Sol nunca brilhasse nesta câmara, não obstante, ela estava iluminada com outro Sol, que havia isto aprendido isto com o Sol, e estava situado na parte superior no centro do teto. No meio, em vez de uma pedra tumular, estava um altar redondo coberto com uma placa de bronze e sobre ela estava gravado —

*A.C.R.C. Hoc universi compendium unius mihi sepulchrum fec. <sup>1</sup>*

Ao redor do primeiro círculo, ou borda, constava,

*Jesus mihi omnia <sup>2</sup>*

No meio havia quatro figuras encerradas em círculos cuja circunscrição era,

*1. Nequaquam Vacuum <sup>3</sup>*

*2. Legis Jugum <sup>4</sup>*

3. *Libertas Evangelii* <sup>5</sup>4. *Dei Gloria Intacta* <sup>6</sup>

Estava tudo claro e brilhante, como também os sete lados e os dois heptágonos. Assim, ajoelhamos juntos e demos graças ao único sábio, único poderoso e único eterno Deus que nos ensinou mais do que a sagacidade de todos os homens poderia ter descoberto; louvado seja Seu santo nome. Esta câmara dividimos em três partes, a parte superior ou o teto, a parede ou o lado, o solo ou o chão. Acerca da parte superior, você não deverá compreender mais nada nesta ocasião, a não ser que ela estava dividida de acordo com os sete lados no triângulo, o qual estava no centro brilhante, mas o que nesse lugar está contido você (que está desejoso de nossa sociedade) deverá, se Deus quiser, contemplar com seus próprios olhos. Cada lado ou parede está dividido em dez quadrados, cada um com suas diversas figuras e frases, conforme estão verdadeiramente mostradas e expostas *concentratum* aqui em nosso livro. A parte debaixo está novamente dividida no triângulo, mas porque nesse lugar está descrito o poder e a regra dos Governantes Inferiores, deixamos de isso revelar, por temor do abuso pelo mal e ímpio mundo. Mas aqueles que estão providos e supridos do Antídoto Celestial, de fato sem temor ou sofrimento pisam e esmagam a cabeça da velha e má serpente, para o que esta nossa época é bastante adequada. Cada lado ou parede possuía uma entrada ou uma arca nas quais se encontram diversas coisas, especialmente todos os nossos livros, que de outro modo possuíamos, além do *Vocabulario* de Theophrastus Paracelsus de Hohenheim, e aqueles que diariamente nós de fato sem falsidade compartilhamos. Nesse lugar também encontramos seu *Itinerarium* e sua *Vita*, de onde este relato em sua maior parte é retirado. Em outra arca estavam espelhos de diversas qualidades, como também em outro lugar estavam pequenos sinos, lamparinas e principalmente maravilhosas canções artificiais — geralmente tudo fora feito para aquela finalidade, que caso acontecesse, após muitas centenas de anos que a Fraternidade desaparecesse, estas coisas poderiam, através desta única câmara, ser novamente restauradas.

Agora, como ainda não havíamos visto o cadáver de nosso cuidadoso e sábio Pai, por esta razão removemos o altar para o lado; lá levantamos uma pesada placa de bronze e encontramos um belo e meritório corpo, intato e não consumido, como se o mesmo estivesse aqui aparentando estar vivo, com todos os seus atavios e vestes. Em sua mão ele segurava um pergaminho, chamado T., que ao lado da Bíblia é nosso maior tesouro, o qual deveria ser livrado da censura do mundo. Ao final deste livro estava localizado este seguinte *Elogium*: <sup>7</sup>

*Granum pectori Jesu insitum.*

*C. R. C. ex nobili atque splendida Germaniae R.C. familia oriundus, vir sui seculi divinis revelatiombus, subtilissimis imaginationibus, indefessis laboribus ad coetestia atque humana mysteria; arcanave admissus postquam suam (quam Arabico at Africano itineribus collejerat) plus quam regiam, atque imperatoriam Gazam suo seculo nondum convenientem, posteritati eruendam custodivisset at jam suarum Artium, ut et nominis, fides ac conjunctissimos heredes instituisset, mundum minutum omnibus motibus magno illi respondentem fabricasset hocque tandem preteritarum, praesentium, et futurarum, rerum compendio extracto, centenario major, non morbo (quem ipse nunquam corpore expertus erat, nunquam alios infestare sinebat) ullo pellente sed Spiritis Dei evocante, illuminatam animam (inter Fratrum amplexus et ultima oscula) fidelissimo Creatori Deo reddidisset, Pater delictissimus, Frater suavissimus, praeceptor fidelissimus, amicus integerimus, a suis ad 120 annos hic absconditus est.*

Abaixo, eles haviam assinado seus nomes,

1. *Fra. I.A., Fra. C.H. electione Fraternitatis caput.* <sup>8</sup>
2. *Fra. G.V. M.P.C.*
3. *Fra. F.R.C. Junior haeres S. Spiritus* <sup>9</sup>
4. *Fra. F.B.M. P.A. Pictor et Architectus* <sup>10</sup>
5. *Fra. G.G. M.P.I. Cabalista* <sup>11</sup>

Secundi Circuli.<sup>12</sup>

1. *Fra. P.A. Successor, Fra. I.O. Mathematicus* <sup>13</sup> 2.  
*Fra. A. Successor Fra. P.D.*
3. *Fra. R. Successor Patris C.R.C., cum Christo triumphantis.* <sup>14</sup>

Ao final estava escrito,

*Ex Deo nascimur, in Jesu morimur, per Spiritum Sanctum reviviscimus.* <sup>15</sup>

Naquela época já estavam mortos o Irmão I.O. e o Irmão D., mas onde estará o local de sua sepultura? Nós não duvidamos, mas nosso *Fra. Senior* teve o mesmo sepultamento, e alguma coisa especial colocada na terra e talvez da mesma forma ocultada. Também esperamos que este nosso exemplo incite outros a mais diligentemente perguntar por seus nomes (os quais por esta razão publicamos) e procurar pelo local de sua sepultura; a maior parte deles, em razão de sua prática e ciência, são contudo conhecidos e exaltados dentre pessoas de bastante idade, assim talvez nosso *Gaza* esteja aumentado, ou pelo menos esteja mais aparente.

Com relação ao *Minutum Mundum*, nós o encontramos conservado em outro pequeno altar, verdadeiramente mais refinado do que possa ser imaginado por qualquer homem de discernimento, mas não vamos descrevê-lo até que sejamos verdadeiramente atendidos com relação a este nosso sincero Fama. E assim o cobrimos novamente com as placas e deixamos lá o altar, fechamos a porta, e nos asseguramos disso com todos os nossos selos. Além disso, por instrução e imposição de nossa Rota, surgiram à luz alguns livros, dentre os quais está contido M. (que foram produzidos pelo louvável M.P. em lugar dos cuidados domésticos) Finalmente nos separamos uns dos outros e deixamos os herdeiros naturais na posse de nossas jóias. E assim de fato esperamos a resposta e o julgamento dos eruditos, ou dos incultos.

Seja como for, sabemos que dentro de algum tempo haverá agora uma reforma geral, tanto de coisas divinas quanto humanas, de acordo com nosso desejo e expectativa de outros; pois é próprio que antes do nascer do Sol deva surgir e irromper a *Aurora*, ou certa claridade ou luz divina no céu. E assim, entretanto, alguns poucos, que deverão fornecer seus nomes, poderão se juntar e por meio disso aumentar o número e o respeito de nossa Fraternidade, e propiciar um feliz e desejado começo de nossos Cânones Filosóficos, prescritos a nós por nosso Irmão R.C., e serem co-participantes conosco de nossos tesouros (que nunca poderão faltar ou ser desperdiçados), com toda humildade e amor para serem aliviados dos trabalhos deste mundo e não andarem tão cegamente no conhecimento das maravilhosas obras de Deus.

Mas para que também todo Cristão possa saber de que Religião e crença somos, confessamos ter conhecimento de Jesus Cristo, mantido, defendido e propagado em determinados e notáveis países (como agora nestes últimos dias, e principalmente na Alemanha, ela é muitíssimo clara e puramente professada, e está atualmente limpa e isenta de todas as pessoas desviadas, heréticas e de falsos profetas). Também utilizamos dois Sacramentos, conforme são instituídos com todas as Formalidades e Cerimônias da primeira Igreja reformada. Na *Politia* reconhecemos o Império Romano e o *Quartam Monarchiam* por nosso chefe Cristão; embora saibamos quais alterações estejam próximas, e com prazer as concederíamos com todo nosso coração para outros homens eruditos devotos, conquanto nosso manuscrito esteja em nossas mãos, nenhum homem (exceto Deus somente) pode torná-lo popular, nem qualquer pessoa indigna será capaz de nos privar dele. Mas deveremos ajudar com auxílio secreto tão justa causa, conforme Deus possa nos permitir ou nos impedir. Pois nosso Deus não é cego, como a Fortuna pagã, mas é o atavio das Igrejas e a honra do Templo. Também nossa Filosofia não é uma invenção nova, mas conforme Adão após sua queda a recebeu, e conforme Moisés e Salomão a utilizaram; e também não se deveria muito dela se duvidar, ou ser ela contradita por outras opiniões ou significados; mas discernindo a verdade, ela é pacífica, breve e sempre como ela mesma em todas as coisas, e especialmente em concordância com *Jesus in omni parte* e com todos os membros, e como Ele é a verdadeira imagem do Pai, assim é Sua imagem, assim não deverá ser dito que isto é verdadeiro de acordo com a Filosofia, mas verdadeiro de acordo com a Teologia; e naquilo que Platão, Aristóteles, Pitágoras e outros de fato acertaram no alvo, e naquilo que Enoque, Abraão, Moisés e Salomão de fato se distinguiram, mas especialmente com o que aquele maravilhoso livro a Bíblia concorda. Todas essas coisas concorrem conjuntamente e produzem uma esfera ou um globo cujas partes totais estão equidistantes do centro, como aqui muito mais e de maneira mais clara deverá ser falado na Conferência Cristã (em den Boecke des Levenes)

Mas agora, e principalmente nesta nossa época, com relação ao ímpio e execrável fazedor de ouro, que tanto obteve a supremacia, pela qual, sob esse manto, muitos renegados e dissimulados de fato utilizam grandes vilanias e enganam e abusam do crédito que lhes é dado; sim atualmente homens de bom senso de fato consideram a transmutação como sendo o ponto mais elevado e o *fastigium* na filosofia. Esta é toda sua intenção e desejo, e que Deus fosse muitíssimo estimado e honrado por eles, o que poderia produzir grande estoque de ouro, o qual com preces não intencionais eles esperam alcançar do Deus que tudo sabe e que é o buscador de todos os corações; mas nós, através destes presentes, publicamente testemunhamos que de longe os verdadeiros filósofos são de outra mentalidade, estimando pouco a produção de ouro, o que é apenas um *paragon*, pois além disso eles possuem mil coisas melhores. Nós dizemos com nosso dedicado Pai C.R.C. *Phy. aurium nisi quantum: aurum*, pois para ele toda a natureza é revelada; ele não se regozija em poder produzir ouro, e que, como disse Cristo, os demônios lhe são obedientes; mas está contente em ver abertos os Céus, e os anjos de Deus subindo e descendo, e seu nome escrito no livro da vida.

Nós também testemunhamos que sob o nome de *Chymia* muitos livros e imagens são apresentados em *Contumeliam gloriae Dei*, como iremos chamá-los em sua ocasião adequada, e forneceremos ao puro de coração um catálogo ou registro deles. E rogamos a todos os homens eruditos a estarem atentos a estes tipos de livros; pois o Inimigo nunca descansa, mas semeia suas ervas daninhas, até que alguém mais forte de fato as extirpe.

Assim, de acordo com o desejo e intenção do *Fra. C.R.C.*, nós, seus Irmãos, solicitamos novamente a todos os eruditos da Europa que lerem estes nossos *Fama* e *Confessio* (publicados em cinco línguas), que lhes seria agradável com boa consideração ponderar esta nossa oferta e examinar de perto e aguçadamente suas artes, e contemplar a época atual com toda diligência, e declarar sua intenção por *Communicato consilio*, ou por *singulatim* por escrito. E embora nesta ocasião não façamos nenhuma menção quer a nomes quer a reuniões, contudo, não obstante, a opinião de todos deverá com certeza chegar às nossas mãos, seja em que língua for; nem ninguém que fornecer apenas seu nome será incapaz de falar com alguns de nós, seja oralmente, ou de outra forma, se houver algum impedimento, por escrito. E isto dizemos como uma verdade, que quem quer que com seriedade, e a partir de seu coração, nos demonstrar afeição, isso lhe deverá ser benéfico em posses, corpo e alma; mas aquele que for pérfido, ou apenas ávido por riquezas, este primeiramente não deverá ser capaz, de nenhuma maneira ou forma, de nos ferir, mas levará a si mesmo à total ruína e destruição. E também nosso edifício, embora cem mil pessoas quase o tenham visto e contemplado, ele deverá para sempre permanecer intocado, não destruído e ocultado para o mundo perverso.

Sub umbra alarum tuarum, Jehova. <sup>16</sup>

#### Notas de Rodapé:

<sup>1</sup> *A.C.R.C. Hoc universi compendium unius mihi sepulchrum feci* traduz-se como: *A.C.R.C. eu fiz deste compêndio do único universo uma tumba para mim mesmo.*

<sup>2</sup> *Jesus mihi omnia* traduz-se como: *Jesus é tudo para mim.*

<sup>3</sup> *Nequaquam vacuum* traduz-se por: *De nenhuma maneira o vácuo.* (Poderia também significar: *O vácuo de nenhuma maneira existe.*)

<sup>4</sup> *Legis Jugum* traduz-se por: *O Jugo da Lei.*

<sup>5</sup> *Libertas Evangelii* traduz-se por: *A Liberdade da Boa Nova.* (Também pode significar: *A Liberdade do Evangelho.*)

<sup>6</sup> *Dei gloria intacta* traduz-se por: *A glória inviolada de Deus.*

<sup>7</sup> Epitáfio [Elogium]:

Uma semente implantada no peito de Jesus. C. Ros C. descendia de uma nobre e ilustre família R.C. da Alemanha, um homem reconhecido pelas infatigáveis obras de sua vida para os mistérios ou segredos celestiais e humanos através de revelações divinas nas mais sutis imagens mentais, depois de ter preservado seu mais do que real e imperial Tesouro (que ele havia coletado nas viagens arábicas e africanas), ainda não apropriado para sua época, para ser guardado para o futuro e que, além disso, havia treinado herdeiros muitíssimo unidos às crenças de suas Artes e também ao seu nome, havia construído um pequeno mundo correspondente àquele grande mundo em todos os movimentos, e este ao final extraído de um compêndio de coisas passadas, presentes e futuras, mais velho que um centenário, não

através do banimento de qualquer doença (que ele mesmo nunca havia experienciado no corpo, e que nunca permitia que infestasse outros), mas pela convocação do espírito de Deus, um muitíssimo estimado Pai, muitíssimo agradável Irmão, muitíssimo fiel Professor, muitíssimo puro amigo, retornou para Deus, o mais fiel Criador, uma alma iluminada (em meio a abraços e últimos beijos dos Irmãos), foi ocultado por seus próprios amigos por cento e vinte anos.

<sup>8</sup> *1 Fra I.A., Fr. C.H. electione Fraternitatis caput* traduz-se por: *Fra. I.A., chefe da Fraternidade por escolha do Fr. C.H..*

<sup>9</sup> *3 Fra. R.C. Iunior haeres S. Spiritus* traduz-se por: *Fra. R.C. herdeiro Júnior do Espírito Santo.*

<sup>10</sup> *4 Fra. B.M., P.A. Pictor & Architectus* traduz-se por: *Fra. B.M., Pintor e Arquiteto para P.A.*

<sup>11</sup> *5 Fr. G.G.M.P.I. Cabalista* traduz-se por: *Fra. G.G.M.P.I. Cabalista.*

<sup>12</sup> *Secundi Circuli* traduz-se por: *do Segundo Círculo.*

<sup>13</sup> *1 Fra. P.A. Successor, Fr. I.O. Mathematicus* traduz-se por: *Fra. P.A. Sucessor, Fr. I.O. Matemático.*

<sup>14</sup> *3 Fra. R. Successor patris C.R.C. cum Christo triumphantis.* traduz-se por: *Fra. R. Sucessor do pai C.R.C. triunfando com Cristo.*

<sup>15</sup> *Ex Deo nascimur, in Jesu morimur, per Spiritum Sanctum reviviscimus.* traduz-se por: *Nascemos de Deus, morremos em Jesus, retornamos à vida através do Espírito Santo.*

<sup>16</sup> *Sub umbra alarum tuarum, Jehova,* traduz-se por: *À sombra de tuas asas, Jeová.*